

UM JORNALISTA CONTRA O ANTISSEMITISMO: OTTO MARIA CARPEAUX NA IMPRENSA AUSTRIACA DOS ANOS 1930

A journalist against antisemitism: Otto Maria Carpeaux in the Austrian press in the 1930s

Un periodista contra el antisemitismo: Otto Maria Carpeaux en la prensa austriaca de los años 1930

Mauro Souza Ventura

Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Bauru - SP, Brasil

ms.ventura@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-5557-228X> 

Resumo: O artigo apresenta um tópico de pesquisa mais ampla (Fapesp, processo 20/13540-7) sobre a questão judaica publicados pelo jornalista e ensaísta austríaco-brasileiro Otto Maria Carpeaux (1900-1978), entre 1934 e 1938, nas revistas *Die Erfüllung* e *Der Christliche Ständestaat*, de Viena. A pergunta de pesquisa articula-se a partir da compreensão do significado político e ideológico das intervenções jornalísticas de Otto Maria Carpeaux na imprensa austríaca, tendo em vista seu engajamento na luta pela independência da Áustria frente à Alemanha. Os artigos de Carpeaux são estudados a partir de um procedimento metodológico que articula o ambiente político e sociocultural da Áustria e da Alemanha no decorrer da década de 1930, marcado pela ascensão do nacional-socialismo e do antissemitismo, com os elementos textuais presentes nos artigos selecionados. Esta análise interpretativa parte do texto para o ambiente e, deste, para o texto novamente, num movimento que vai do texto ao contexto, e vice-versa.

Palavras-chave: Mídia e sociedade; imprensa austríaca; antissemitismo; Otto Maria Carpeaux.

Abstract: The article presents a broader research topic (Fapesp, process 20/13540-7) on the Jewish question published by the Austrian-Brazilian journalist and essayist Otto Maria Carpeaux (1900-1978), between 1934 and 1938, in the magazines *Die Erfüllung* and *Der Christliche Ständestaat*, from Vienna. The research question is articulated based on the understanding of the political and ideological meaning of Otto Maria Carpeaux's journalistic interventions in the Austrian press, given his engagement in the struggle for Austria's independence from Germany. Carpeaux's articles are studied based on a methodological procedure that articulates the political and sociocultural environment of Austria and Germany during the 1930s, marked by the rise of National Socialism and anti-Semitism, with the textual elements present in the selected articles. This interpretative

analysis starts from the text and goes to the environment and, from there, to the text again, in a movement that goes from the text to the context, and vice versa.

Keywords: Media and society; Austrian press; Antisemitism; Otto Maria Carpeaux.

Resumen: El artículo presenta un aspecto de investigación más amplio (Fapesp, proceso 20/13540-7) sobre la cuestión judía publicados por el periodista y ensayista austrobrasileño Otto Maria Carpeaux (1900-1978), entre 1934 y 1938, en las revistas *Die Erfüllung* y *Der Christliche Ständestaat*, de Viena. La pregunta de investigación se articula a partir de la comprensión del significado político e ideológico de las intervenciones periodísticas de Otto Maria Carpeaux en la prensa austriaca, dado su compromiso en la lucha por la independencia de Austria de Alemania. Los artículos de Carpeaux se estudian a partir de un procedimiento metodológico que articula el entorno político y sociocultural de Austria y Alemania durante la década de 1930, marcada por el ascenso del nacionalsocialismo y el antisemitismo, con los elementos textuales presentes en los artículos seleccionados. Este análisis interpretativo parte del texto y va al entorno y, de ahí, nuevamente al texto, en un movimiento que va del texto al contexto, y viceversa.

Palabras clave: Medios y sociedad; prensa austriaca; antisemitismo; Otto María Carpeaux.

Introdução

Assimilação, conversão, fuga. Essas três palavras sintetizam a trajetória de Otto Maria Carpeaux (Otto Karpfen, 1900-1978) na Áustria. Revelam também os principais aspectos que envolvem a grande questão de sua época: a ascensão do nacional-socialismo de Hitler e o antissemitismo. Além disso, apontam para os três estágios vividos pelo jornalista austríaco-brasileiro em seus anos de Viena.

Oriundo de uma família de judeus assimilados - o pai, Max Karpfen, era vienense, mas a mãe, Gisella Schmelz, nasceu em Cracóvia, então Galícia, e atual Polônia -, Carpeaux levaria ao limite máximo essa experiência quando decidiu desligar-se, oficialmente, da religião judaica, em 18 de abril de 1933. A incorporação do “Maria” ao nome - talvez para esconder sua condição de *Taufejude*, ou seja, de judeu batizado - e a publicação, no ano seguinte, de *Caminhos para Roma* são uma inequívoca manifestação pública desse processo de assimilação. Esta obra, que talvez não seja mais do que um panegírico religioso, um elogio à visão de mundo católica, é, certamente, uma profissão de fé na herança barroco-católica da Casa da Áustria, da qual ele sempre se considerou um herdeiro intelectual.

No entanto, não podemos esquecer que, entre as motivações para a conversão de judeus ao catolicismo estava também a possibilidade de obter um emprego público. O historiador Bruce Pauley explica que “homens solteiros entre os 20 e 30 anos eram os candidatos mais prováveis à conversão”. (Pauley, 1992, p. 57). Estudantes universitários, profissionais liberais e funcionários de alto nível figuravam no topo da lista de convertidos ao catolicismo. Como explica Pauley, o crescimento das conversões de judeus foi significativo a partir da década de 1880. Em nenhuma outra localidade da monarquia dual houve tantas conversões de judeus quanto em Viena. Portanto, a atitude de Otto Karpfen

em 1933 está longe de ser algo excepcional.

Assimilação, conversão e fuga sintetizam também o destino dos judeus austríacos naquela angustiante década de 1930 em Viena. Foi nesse período que Otto Maria Carpeaux escreveu sobre a questão judaica. Ele ocupou-se do tema de forma explícita em sete artigos, embora o assunto esteja presente, com maior ou menor ênfase, em outros textos. No presente artigo, são estudados um total de cinco textos, selecionados a partir de sua relevância histórica. Ficaram de fora dois artigos (*Die Juden heute* e *Kirche und Kultur*), por considerarmos que apenas tangenciam a questão judaica.¹

Esses artigos compõem importante documento de época e foram escritos no momento crucial de ascensão do nacional-socialismo na Alemanha e na Áustria, em que a questão judaica e o antissemitismo convergem para o ponto máximo que desembocou no Holocausto. Este material, fonte primária da pesquisa e deste artigo, foi lido e interpretado a partir do original alemão e traduzido pelo autor. Sua localização e identificação ocorreram durante as diversas viagens de pesquisa realizadas em bibliotecas e arquivos de Viena, em 2011, 2022 e 2023, e também em Munique, no ano de 2015.

Na década de 1930, Otto Maria Carpeaux atuava como jornalista político e cultural na imprensa vienense, com artigos publicados em revistas como *Berichte zur kultur und zeitgeschichte*, no semanário sobre cinema *Der Gute Film* e, em especial, na revista *Die Erfüllung* e no semanário *Der christliche Ständestaat*. Ambas as publicações eram de inclinação social-cristã e apoiavam o governo de Engelbert Dollfuss, o que tornava ainda mais explícita a posição de Carpeaux em defesa da independência da Áustria frente a Alemanha e contra o nacional-socialismo.

Foi na revista *Die Erfüllung*, no entanto, que o jornalista mais abordou o tema. Dirigida pelo padre Johannes Oesterreicher (1904-1993), esta publicação se destinava a promover o diálogo entre cristãos e judeus na Áustria e na Alemanha.

Mas a primeira incursão de Carpeaux no tema ocorreu em fevereiro de 1935 em *Der Christliche Ständestaat*, um semanário vienense conhecido por dar emprego a judeus convertidos, como era o caso de Carpeaux. Após mencionar os acontecimentos de 25 de Julho de 1934, data da tentativa de golpe que resultou na morte do chanceler Engelbert Dollfuss, o jornalista faz referência a Othmar Spann (1878-1950), um filósofo e sociólogo austríaco, expoente do pensamento conservador à época, que exerceu enorme influência na Alemanha e na Áustria no período posterior à Primeira Guerra Mundial.

¹ Publicados, respectivamente, em *Berichte zur Kultur und Zeitgeschichte* (1934) e *Die Erfüllung* (1935).

O referido artigo é *Traum und Wirklichkeit* (Karpfen, 1935a) e discute temas como utopia, liderança sobre as massas, soluções políticas, o papel do Estado, o Terceiro Reich, tudo no contexto do nacional-socialismo e de seus teóricos. O pensamento de Spann é caracterizado por Carpeaux como sendo o de um romântico, cujas teorias misturam economia, sociologia e filosofia para propor uma ideia de Estado que se revela, ao final, utópica. Para além do tom de ironia empregado pelo jornalista neste artigo, ao escrever, por exemplo, que Othmar Spann “está de mal com o mundo”, interessa destacar que, para o jornalista austríaco, poucos partidos políticos em países vizinhos defendem esta bandeira, ou seja, a do Estado real, considerada por ele uma ideia platônica e irrealizável. (Karpfen, 1935b, p. 181).²

Note-se que Othmar Spann foi um dos teóricos do Estado corporativo, e líderes políticos como Engelbert Dollfuss e Kurt Schuschnigg não apenas foram influenciados por ele, como faziam parte do círculo político-intelectual do filósofo austríaco.

O que os separava era o fato de Spann ser um pangermanista, ideia que o aproximava do nacional-socialismo de Hitler. Com isso, tornou-se um defensor da união entre Áustria e Alemanha, pois acreditava que o povo alemão poderia ser unificado sob um único Reich. (Tudor, 2013).

O antissemitismo austríaco

Viena sempre foi considerada a capital europeia com a maior concentração de judeus e esse crescimento resultou da migração interna ao Império austro-húngaro, como também do enorme fluxo de imigrantes da Europa do Leste, ocorrido a partir de 1880.

Cidadãos de várias nacionalidades afluíam à capital atraídos por melhores condições de vida e pela possibilidade de integração, assimilação e aculturação nesta metrópole do Império em que os judeus, durante o longo reinado de Francisco José I (1830-1916), receberam tratamento digno e tiveram seus direitos reconhecidos.

A partir do final do século 19, essa situação sofreria alterações radicais quando “a natureza da imigração judaica para a capital austríaca mudou consideravelmente”. (Pauley, 1992, p. 24). Até então, as principais regiões de imigração eram Boêmia, Morávia e Silésia e, mais tarde, também a Hungria. A partir de 1867, a maioria dos imigrantes judeus passou a vir da Galícia e do nordeste da Hungria, cuja população, além de não falar o idioma alemão, tinha uma concepção bastante ortodoxa do judaísmo: eram ciosos de seus modos

² “Seitdem ist Prof. Spann böse auf die Welt”.

tradicionais de comportamento e vestuário, por exemplo.

Assim, a comunidade judaica de Viena podia, naquele momento, ser dividida entre os ocidentalizados, que não só desejavam, mas já viviam o processo de assimilação cultural e social, e os ortodoxos, oriundos do Leste europeu, que defendiam o separatismo religioso e político.

Os *ostjuden* eram, evidentemente, uma minoria no conjunto da população judaica de Viena, e eram vistos com desconfiança até pelos judeus ocidentalizados, chegando a ser responsabilizados por despertar o antissemitismo, em função de suas precárias condições de vida.

O antissemitismo austríaco se acentua a partir da década de 1880. Nesse período, viviam em Viena 72.588 judeus (10% da população). Pouco mais de duas décadas antes, em 1857, moravam em Viena apenas 6.000 judeus. Quando Otto Maria Carpeaux nasceu, em 1900, a população judaica de Viena era de 146.926 pessoas. A pesquisa histórica identifica também certa concentração de moradias judaicas em alguns bairros vienenses, como *Leopoldstadt*, onde residiam 34% dos judeus, e no Primeiro Distrito, onde ele morou, e que concentrava 20% dos judeus de Viena.

Também contribuíram para o fortalecimento do antissemitismo as ideias de Georg von Schönerer (1842-1921), representante do liberalismo alemão e austríaco e que promoveu uma verdadeira cruzada contra judeus e jornais judaicos, transformando o antissemitismo num dos pilares do nacionalismo austríaco.

As universidades austríacas não ficaram imunes ao antissemitismo. Um dos casos mais lembrados até hoje é o assassinato do professor de filosofia Moritz Schlick, em 22 de junho de 1936. O antissemitismo surgiu nas universidades austríacas a partir do final da década de 1870. Por essa época, os ataques de estudantes antissemitas aos seus colegas judeus tornaram-se uma ocorrência rotineira. “Usando chicana e violência, estudantes nacional-socialistas e reitores nacionalistas alemães fizeram todo o possível para reduzir o número de judeus na universidade, provocando uma fuga de cérebros bem antes de 1938”, escreve Danielle Spera. (Spera, 2015, p. 6).

As estratégias usadas contra os universitários judeus ainda durante a monarquia se intensificaram a partir da Primeira República, com tentativas de reduzir o número de estudantes judeus, violência física e psicológica e recusa em aceitar os judeus orientais na universidade.

A partir de 1933, quando Hitler se tornou chanceler, o antissemitismo na Universidade de Viena aumentou de forma considerável, trazendo mudanças profundas,

como a perda de sua autonomia, ficando sob a tutela do regime autoritário de Dollfuss. Muitos estudiosos judeus e/ou de esquerda deixaram a universidade durante esse período austrofacista, como o cientista social Otto Neurath, o historiador da arte Ernst Gombrich, o químico Max F. Perutz e o filósofo Karl Popper.

Não podemos esquecer que Carpeaux teve seu título acadêmico cassado, tendo sido assim uma vítima direta do antissemitismo em seu país. Dados do *Gedenkbuch für die Opfer der Nationalsozialismus an der Universität Wien 1938* informam que Karpfen “foi privado de seu diploma acadêmico em 28 de fevereiro de 1942 com o argumento de que ele, enquanto judeu, não era considerado digno de um diploma acadêmico de uma universidade alemã”.

Nessa época, a Áustria era parte integrante do Reich alemão e, dentre as leis aprovadas pelo Parlamento alemão, uma delas, de 13 de julho de 1933, antes mesmo das Leis de Nuremberg, permitia a cassação de graus acadêmicos de judeus expatriados, e que tivessem tido sua cidadania alemã revogada, que passaram a ser tratados como ‘traidores da pátria’ e, portanto, não eram considerados “dignos de portar um título de doutor ou um diploma”.

Documento datado de 18 de dezembro de 1940, emitido pelo Reichsminister für Willeschaft, Erziehung und Volksbildung, comprova o “procedimento de revogação da cidadania alemã de Otto Karpfen, de acordo com a Seção 2 da Lei de 14 de julho de 1933 (Reichsgesetzblatt I, páginas 480 e seguintes)”. O autor do documento pede ainda que sejam tomadas “medidas no que diz respeito à retirada do título”.

A decisão do Reich foi confirmada pela Reitoria da Universidade de Viena que, em documento de 20 de janeiro de 1942, aprovou a revogação do título de doutor de Otto Maria Israel Karpfen, como era então denominado nesses documentos do Reich.

Com o término da Segunda Guerra e o colapso do nazismo, as decisões alemãs do período 1938-1945 foram revogadas e Carpeaux conseguiu, novamente, fazer jus do título acadêmico. Em 1953, em visita a Viena, ele foi até a reitoria da Universidade solicitar uma cópia de seu diploma de doutorado, concluído em 1925. Ele não somente obteve uma segunda via do diploma, como comprovou a validade do mesmo. Carta da Universidade de Viena, de 26 de junho de 1953, registra esta solicitação pessoal de Carpeaux como também atesta a revalidação do seu diploma.

Um jornalista contra o antissemitismo

Entre os anos de 1933 e 1938, um jovem jornalista, de origem judaica, mas, como

dissemos, convertido ao catolicismo, desempenhou intensa atividade político-ideológica em Viena. Seus textos, assinados ora como Otto Karpfen, ora pelo pseudônimo Otto Maria Fidelis, expunham suas convicções políticas, históricas e religiosas: o catolicismo político, a convivência pacífica entre cristãos e judeus e a defesa da independência da Áustria diante de uma Alemanha em que o nacional-socialismo de Hitler já se tornara hegemônico.

Deste modo, os artigos publicados por Carpeaux nos periódicos vienenses *Die Erfüllung* e *Der Christliche Ständestaat*, entre 1934 e 1938, adquirem o estatuto de documento de época e, como tal, são estudados à luz do fenômeno do antissemitismo e do diálogo entre catolicismo e judaísmo naquela conturbada e complexa década de 1930 na Áustria.

Escritos no momento em que o nazismo preparava, planejava e executava suas ações, a questão judaica é tema presente na maioria dos textos. A situação dos intelectuais judeus assimilados que viviam em Viena na virada do século 19 para o século 20, por exemplo, é o assunto central do artigo *Unordnung in der Judenfrage*. (Karpfen, 1936). Ele discute aqui o dilema dos judeus convertidos e as incertezas quanto à sua aceitação no interior da comunidade católica vienense.

Ora, o próprio Carpeaux convertera-se ao catolicismo no início dos anos de 1930 e certamente recaía sobre ele a acusação generalizada, ou mesmo a desconfiança, de que o fizera por motivos de ordem profissional. De acordo com o historiador Jacques Le Rider, “aos olhos dos judeus culturalmente assimilados, o judeu convertido ao catolicismo, o *Taufjude*, era uma figura pouco gloriosa”. (Le Rider, 1992, p. 315).

É preciso lembrar que, naquele momento, a Áustria não era um país totalmente laico e algumas religiões eram oficialmente reconhecidas. O credo religioso era um fator importante da identificação social do indivíduo. E isso é muito importante para compreender a decisão de muitos judeus pela conversão ao catolicismo, como pode ter sido o caso de Carpeaux.

Em uma conferência realizada em 1936, o padre jesuíta Georg Bichlmair (1890-1953), que liderava um grupo de católicos empenhados na conversão de judeus, denominado *Paulus-Missionwerke*, causou polêmica ao afirmar que “os judeus pertenciam a uma raça diferente do povo alemão”. O discurso de Bichlmair, intitulado “O cristão e o judeu” e proferido em Viena, em março de 1936, e reportado pelo *Reichspost* na edição de 19 de março daquele ano, acusava os judeus de exercerem excessiva influência na sociedade e de provocarem um declínio dos valores cristãos e da tradição do povo alemão.

De acordo com Pauley (Pauley, 1992, p. 161), “Bichlmair acreditava que os judeus

permaneciam diferentes dos cristãos, mesmo que fossem batizados”. Não é difícil imaginar aqui a situação de Karpfen, ele próprio um *Taufejude*. Como veremos, as posições de Carpeaux em seus artigos não seguem esse mesmo tom, pois buscam o diálogo permanente entre cristãos e judeus.

Ao comentar a conferência proferida pelo prelado católico Georg Bichlmair, em Viena, cujo tema é justamente o antissemitismo, Karpfen reconhece, de início, o mérito da palestra de Bichlmair para os judeus de Viena, pois aborda diferentes aspectos do pensamento antissemita, assunto que, para o jornalista, está permeado de incompreensão e equívocos.

Além de falar sobre o difícil processo de incorporação dos judeus na linhagem e na cultura alemã da Áustria, Carpeaux observa que Bichlmair está mais preocupado com questões religiosas envolvendo cristãos e judeus e profere palavras contundentes de crítica às teorias raciais.

P. Bichlmair falou sobre a incorporação dos judeus na comunidade de linhagem alemã na Áustria. Mas ele falou também de modo contundente contra as teorias raciais. Além disso, observamos em sua palestra que ele abordou o problema religioso que separa cristãos e judeus, salientando as diferenças entre alemães e judeus. (Karpfen, 1936, p. 399).³

O tom do artigo é um pouco ambíguo. Percebe-se que Otto Maria Carpeaux hesita em classificar o padre Bichlmair como antissemita. Há um esforço no sentido de evitar o conflito. O antissemitismo de origem católica era um fato e o jornalista procura desviar da questão. Para ele, a posição de Bichlmair não é antissemita. “Uma leitura correta da palestra mostra muito mais, ou seja, que as palavras de P. Bichlmair não podem ser sempre interpretadas como sinônimo de antissemitismo. (Karpfen, 1936, p. 399).⁴

Ora, Bichlmair foi acusado pelos judeus vienenses de antissemitismo. Karpfen não concorda com esta acusação e argumenta que o padre jesuíta foi mal interpretado. Bichlmair não apenas se colocou contra a integração dos judeus na comunidade de língua alemã, como pondera que o padre também se opôs fortemente à teoria racial.

Na referida palestra, Bichlmair se ocupou das diferenças religiosas entre cristãos e judeus, mas o que mais repercutiu de sua fala foi a ênfase que ele deu às distinções entre

³ “P. Bichlmair hat sich zwar gegen die Eingliederung der Juden in die Volksgemeinschaft des deutschen Stammes in Oesterreich erklärt; aber er erklärte sich auch mit starken Worten gegen die Rassentheorie; obgleich man bemerken konnte, daß sein Vortrag, der dem religiösen Problem zwischen Christen und Juden gewidmet war, mehr die Differenz zwischen Deutschen und Juden betonte”.

⁴ “Eine genauere Durchsicht des Vortrages zeigt vielmehr, daß P. Bichlmairs Aeußerungen nicht durchweg in antisemitischem Sinne interpretiert werden können”.

alemães e judeus, ou seja, ao aspecto racial.

Outro ponto polêmico da palestra foi a restrição de Bichlmair à atuação de judeus em determinadas profissões, o chamado *numerus clausus*. Não houve, como relata o jornalista, uma referência explícita ao termo (que sempre gerava polêmica), mas também não restou dúvida de que Bichlmair era contrário à livre atuação dos judeus em profissões de relevo. De acordo com Karpfen, “o próprio Bichlmair afirmou expressamente que uma restrição moderada pode não ser suficiente”. (Karpfen, 1936, p. 399).⁵ Ao que o jornalista comentou que poderíamos perguntar que outras medidas de longo alcance ele poderia querer.

Ainda que Carpeaux identifique na palestra de Bichlmair elementos de crítica aos judeus e às peculiaridades do povo judeu, o jornalista prefere concluir que são acusações de ordem geral, idênticas às que, no passado, foram dirigidas a prelados de todas as ordens católicas.

P. Bichlmair conhece bem os judeus. Sabe muito bem P. Bichlmair que acusações assim são muito comuns, são coisas diabólicas, ilusão das massas. E ele se lembra de que já houve no passado visão semelhante dirigida contra os reverendos e todas as altas ordens católicas. (Karpfen, 1936, p. 399).⁶

Interessante observar que o jornalista se lembra de algo semelhante ter ocorrido na Rússia, em que o ideólogo e político russo Konstantin Petrowich Pobedonostsev (1827-1907) colocou da seguinte forma a resolução para a questão judaica na Rússia: “A única solução para a questão judaica na Rússia é: batizar um terço, emigrar outro terço e matar o outro terço”. (Karpfen, 1936, p. 399)⁷. Ao mesmo tempo, Carpeaux explica que Bichlmair desejava manter os judeus afastados da linhagem alemã. Isso por que, mesmo quando se batizam, continuam sendo cristãos judaicos, escreve. Com isso, os judeus convertidos, como era o caso de Carpeaux, também não estavam livres de ser alvo da doutrina antissemita.

⁵ “Denn P. Bichlmair erklärte selbst ausdrücklich, daß “eine zahlenmäßige Beschränkung nicht ausreichen dürfte”. Obgleich man sich hier fragen darf, welche noch weitergehenden Maßregeln er dabei wohl meinen mag”.

⁶ “Dazu kennt P. Bichlmair die Juden zu gut. Dazu weiß P. Bichlmair zu gut, daß solche populäre Pauschalbeschuldigungen gewöhnlich Ausgeburten eines Massenwahnes sind; und er erinnert sich gewiß, daß ein solcher Massenwahn sich einst auch gegen den ehrwürdigen und von jedem Katholiken hochgeschätzten Orden gekehrt hat”.

⁷ “Die einzige Lösung für die Judenfrage in Rußland ist: ein Drittel taufen, ein Drittel auswandern, ein Drittel totschiagen”.

Todavia, P. Bichlmair deseja manter os judeus afastados do sangue alemão. Ele estende sua pretensa doutrina antissemita também aos judeus convertidos. Efetivamente, P. Bichlmair defende um antissemitismo que não é político, mas religioso. Pois quando os judeus convertidos são batizados segundo o costume católico-romano adquirem uma linhagem judaico-cristã. Assim, P. Bichlmair deixa, neste ponto, o terreno político e põe em questão o aspecto teológico, e ele está muito à vontade como teólogo. (Karpfen, 1936, p. 399-400).⁸

Segundo o argumento do citado prelado, quando os judeus convertidos são batizados segundo o ritual católico, mesmo assim permanecem na tradição judaico-cristã. Não é difícil supor que o próprio Otto Karpfen jamais tenha se libertado desta herança de ser um judeu convertido. Desta forma, o argumento deixa de ser político para ser religioso. Nem por isso, perde seu conteúdo antissemita. “P. Bichlmair não está satisfeito com os judeus convertidos”, escreve ele, em tom de desabafo. (Karpfen, 1936, p. 400).⁹

Talvez não seja exagero pensar que o argumento religioso esconde a questão racial. Carpeaux segue, deste modo, reconstituindo o argumento do prelado, que deseja batizar os judeus, mas retirar dessa condição de aceitação aqueles que não possuem credo religioso, ou que abandonaram sua religião, como os judeus laicos e assimilados.

Ora, uma fala pública com esse teor não podia ficar sem resposta de Otto Maria Carpeaux, ainda que possa se observar um esforço do jornalista no sentido de afastar qualquer sentimento antissemita oriundo da Igreja Católica. Assim, ele invoca trecho de um decreto da Congregação do Santo Ofício sobre a questão judaica, que diz:

A Santa Sé condena com veemência o ódio contra o povo eleito de Deus, todo o ódio que hoje tem sido usado por meio da palavra antissemitismo. (Karpfen, 1936, p. 400).¹⁰

Mas não há como negar as duras palavras do padre contra os judeus convertidos. O padre, aliás, fazia questão de distinguir entre os católicos e aqueles judeus que haviam sido convertidos quando criança ou adultos, como era o caso do jornalista vienense.

⁸ “Von diesen deutschen Blut freilich will P. Bichlmair die Juden nach Möglichkeit fernhalten. Darum erstreckt er seine angeblich antisemitische Doktrin auch auf die Judenkonvertiten. Tatsächlich vertritt auch P. Bichlmair gewiß keinen politischen, sondern höchstens einen religiösen Antisemitismus. Wenn dieser aber sich auch auf die Judenkonvertiten, auf nach römisch-katholischem Ritus getaufte Christen jüdischer Abkunft bezieht, dann verläßt P. Bichlmair hier endlich das politische Gebiet und betritt jenen Bereich, in dem er als Theologe zu Hause ist: das Gebiet der Theologie”.

⁹ “P. Bichlmair ist mit den getauften Juden nicht zufrieden”.

¹⁰ “Der Apostolische Stuhl verdammt aufs schärfste den Haß gegen das einst von Gott erwählte Volk, jenen Haß, den man heute gewöhnlich mit dem Worte Antisemitismus bezeichnet”.

O esforço de Carpeaux em não romper com Bichlmair – embora fosse necessário afirmar seu lugar de fala enquanto jornalista e intelectual -, é evidente quando escreve que, apesar de tudo, tem bons sentimentos em relação a Bichlmair e está disposto a esquecer de sua falta de clareza mental ao tratar da questão judaica.

Falta de clareza, aliás, que perpassa também a discussão como um todo, pois é precisamente a mistura dessas duas formas de abordar o antissemitismo (pelo viés político ou pelo viés religioso) a razão dessa incompreensão da questão judaica. No trecho a seguir, Carpeaux chega à conclusão de que nem mesmo uma reparação da condição judaica por meio do batismo seria capaz de promover uma “elevação caracterológica” capaz de equipará-la à raça ariana.

Esta mistura produz, em si, confusão. Logo, a apostasia religiosa é o único motivo evidente da frágil caracterização semita e da forte caracterização antissemita. Assim, a reparação desta apostasia por meio do batismo não é suficiente para se obter a elevação caracterológica da raça ariana. Deste modo, continuamos sem saber se recorremos ao Espírito na Raça ou à Raça no Espírito. Bem entendido: o Espírito Santo. Portanto, somente o pecado é contrário ao Espírito Santo. (Karpfen, 1936, p. 400).¹¹

O que é preponderante aqui, pergunta Carpeaux: a raça ou o espírito? O religioso ou o racial? É evidente a posição do jornalista em prol do elemento religioso capaz de superar o sentimento antissemita, argumento este que não era unanimidade nem mesmo entre as autoridades do catolicismo austríaco. Muito embora ele soubesse que, “ao mudar de religião, o judeu não perde sua origem racial, mas somente seu pertencimento ao judaísmo”, como ele próprio. (Karpfen, 1938, p. 224).¹² A estratégia de Otto Maria Carpeaux para reagir ao antissemitismo vienense passou, por certo, pela conversão ao catolicismo (não sabemos se ele chegou a ser batizado, mas comprovamos que se retirou oficialmente da religião judaica).

Sionismo ou assimilacionismo?

O surgimento do sionismo enquanto movimento secular moderno foi uma resposta contundente dos judeus ao antissemitismo, mas não foi a única. Houve, na verdade, muitas

¹¹ “Diese Vermischung aber bringt eine gewisse Unklarheit mit sich: Bald ist die religiöse Apostasie die einzig richtige Ursache semitischer Charakterschwäche und antisemitischer Charakterstärke, bald ist die Gutmachung dieser Apostasie durch Annahme der Taufe nicht zureichend, um die charakterologische Höhe der “arischen” Rasse zu erreichen. So bleibt es dauernd unklar, ob vom Geist an die Rasse appelliert wird oder von der Rasse an den Geist. Wohlgemerkt, an den Hl. Geist. Denn nur die Sünde wider den Hl. Geist ist die, die nicht vergeben wird, nicht aber die Sünde wider das Blut”.

¹² “Der Jude verliert nicht seine rassische Abstammung, wohl aber seine Zugehörigkeit zum Judentum durch – Religionswechsel”.

respostas, assim como muitos e variados foram os ataques dos antissemitas. Isto por que os judeus austríacos estavam profundamente divididos, seja do ponto de vista político ou religioso, seja quanto aos costumes, o que era natural, pois viviam em sociedade e estavam sujeitos a influências e aculturações. Só para os nazistas eles figuravam como um grupo social monolítico.

O próprio Carpeaux deixa claro isso, ao publicar, em janeiro de 1938, o artigo *Zur Ideengeschichte des Zionismus*, em *Die Erfüllung*. Aqui, ele escreve que “as vertentes do sionismo lutam entre si com tal fanatismo que, muitas vezes, colocam em perigo o próprio sionismo”. Ao mesmo tempo, deixa explícito seu apoio ao movimento sionista cujo objetivo é devolver “a velha pátria aos judeus sem-pátria”. Em outro trecho, ele enfatiza que o grande mérito do sionismo é dar aos judeus um lugar permanente na história das nações. (Karpfen, 1938, p. 213).¹³

Não obstante, as diferentes visões de mundo no interior da comunidade judaica da Áustria eram tantas e tamanhas que talvez este tenha sido o principal obstáculo na luta contra o antissemitismo.

Os assimilacionistas estavam certos de que na medida em que se integrassem por completo na sociedade austríaca, o antissemitismo desapareceria. Esta visão de mundo deixou-os em desvantagem na luta contra o antissemitismo. “Seu desejo de se misturar à sociedade austríaca os tornou relutantes em fazer qualquer coisa que pudesse enfatizar sua condição de judeu”, explica Pauley (1992, p. 242).

Já para os sionistas, o antissemitismo só teria fim depois que os judeus tivessem estabelecido sua própria sociedade. Também os judeus ortodoxos acreditavam que a solução estava no afastamento da política e da cultura de seu país. Por acreditar que representavam “o elemento mais valioso do judaísmo”, e também por defender que a melhor maneira de combater o antissemitismo era por meio da religião, os ortodoxos mantiveram-se distantes das demais vertentes judaicas. “Sua intensa religiosidade contribuiu para a passividade em relação ao antissemitismo”, explica Pauley (1992, p. 243).

Em artigo sobre as ideias do Sionismo, Carpeaux não deixa de reconhecer que o processo de assimilação dos judeus tem sido construído de modo brutal. Para ele, enquanto os teóricos raciais veem a assimilação como um exagero, os radicais veem o mesmo processo como insuficiente.

¹³ “Die Parteien im Zionismus einander mit einem Fanatismus bekämpfen, der oft den Zionismus selbst gefährdet”.

Essas esperanças tem se revelado ilusórias. O caminho da assimilação tem sido construído de uma maneira brutal e deixa sem resposta se esta assimilação é um exagero, como tem lamentado os teóricos raciais, ou se ela não é ampla o suficiente, como defendem muitos pensadores radicais. (Karpfen, 1938, p. 211).¹⁴

Publicado apenas dois meses antes do *Anschluss*, este foi, provavelmente, o último artigo de Carpeaux antes de sua fuga inevitável de Viena, em março de 1938. Mesmo tendo formalizado seu afastamento da religião judaica em 1933, Carpeaux, pelo que podemos observar por seus escritos, jamais deixou de refletir e de se posicionar sobre essa questão.

Ao abordar o antissemitismo, o jornalista argumenta que não faz diferença indagar se este sentimento é “um resíduo de um modo medieval de pensar ou se é algo que surgiu no século 20”. (Karpfen, 1938: 211-212).¹⁵ Para Carpeaux, o mais grave dessa situação é a pressão e o medo que recaem sobre os judeus vienenses: “De todo modo, ele está aí, e possui hoje uma extensão jamais vista até então. Todo o povo está contagiado por uma pressão e um medo histéricos”, escreve. (Karpfen, 1938, p. 212).¹⁶ A passagem a seguir expressa bem a angústia que o acometia naqueles difíceis dias de 1938:

Em todo mundo os judeus são indistintamente difamados e sua dignidade humana é jogada ao chão; são privados dos fundamentos de sua existência e obrigados a pegar o cajado, ao mesmo tempo em que veem a porta dos outros países se fechar. (Karpfen, 1938, p. 212).¹⁷

Na antevéspera da invasão nazista a seu país e cinco anos depois de sua retirada oficial da religião judaica, Carpeaux expressa sua consciência e sua solidariedade aos judeus diante da gravidade da situação em Viena. Se, por um lado, fecham-se as possibilidades de emigração para os judeus austríacos, visto que o antissemitismo se intensificava, por outro, o caminho da assimilação também se tornava difícil.

A exemplo de muitos outros intelectuais vienenses, Carpeaux cresceu no contexto de um judaísmo esclarecido e foi educado no ambiente do liberalismo austríaco, em que a cultura alemã cosmopolita dava o tom. O aprendizado dos idiomas, a educação no *Sophien*

¹⁴ “Diese Hoffnungen haben sich jedoch als trügerisch erwiesen. Der Wer zur Assimilation ist in brutaler Weise verbaut worden, wobei man es hier dahingestellt lassen mag, ob diese Assimilation zu weit ging, wie die Rassentheoretiker beklagen, oder ob sie nicht weit genug ging, wie manche radikal Denkende behaupten”.

¹⁵ “Es ist hier auch gleichgültig, ob der Antisemitismus der Tat ein Rückstand mittelalterlicher Denkweise oder eine neue Errungenschaft des XX. Jahrhunderts ist”.

¹⁶ “Jedenfalls, er ist da, und er ist da in einem solchen nie gekannten Ausmaß, daß er ganze Völker mit Zwangsneurosen und Angsthysterien infiziert”.

¹⁷ “Daß er in aller Welt die Juden unterschiedslos diffamiert und ihre Menschenwürde mit Füßen tritt, ihnen die primitivsten Grundlagen der materiellen Existenz entzieht, sie zwingt, den Wanderstab zu ergreifen und ihnen gleichzeitig die Tore aller Länder sperrt”.

Gymnasium e, depois, na Universidade de Viena, foram elementos responsáveis por uma crescente assimilação, pela via da formação cultural.

Assim, a escolha de uma profissão ligada às humanidades era comum aos jovens judeus vienenses, e a atuação no jornalismo era o caminho natural para isso naquela Viena da *Ringstrasse*, da estetização e do cosmopolitismo. Quem podia, fugia de ocupações no comércio, que era o caminho natural para os filhos da classe média judaica de Viena. A esse respeito, escreve o historiador Carl Schorske:

A assimilação através da cultura, como uma segunda etapa da assimilação judaica, era apenas um caso específico entre as fases de mobilidade vertical da classe média, onde à ocupação econômica se seguia a ocupação intelectual. (Schorske, 1998, p. 154).

Ao retirar-se do judaísmo em 1933, Carpeaux tomou uma atitude bastante comum naquele tempo. Até o momento não encontramos documento que ateste esse batismo no catolicismo, que deve ter ocorrido em Viena a partir de 1933, ano em que ele se retirou oficialmente da religião judaica, mas, tendo em vista que esta era uma condição necessária para ingressar em determinadas carreiras, não será um exagero concluir que ele deve tê-lo feito. Afinal, os dois veículos para os quais escreveu com maior frequência em Viena – *Der Christliche Standestaat* e *Berichte zur Kultur und Zeitgeschichte* – eram órgãos de imprensa assumidamente católicos.

É também significativo o apoio de Carpeaux à constituição de um Estado judeu, assim como ao projeto de construção de colônias judaicas na Palestina. Na passagem a seguir, esta posição fica bem clara: “Ninguém intervém em favor dos judeus. Eles não tem Estado. Por isso os judeus também precisam de um Estado, a exemplo dos demais povos, um Estado judeu. E assim resolve-se a questão judaica”. (Karpfen, 1938, p. 218).¹⁸

Não seria de surpreender que um católico, militante do Catolicismo político, ligado a órgãos de imprensa católicos para os quais escrevia, venha defender o Estado judeu? Ao mesmo tempo, sua posição em relação a Theodor Herzl e ao sionismo parece um tanto hesitante. Não há uma crítica explícita, mas Carpeaux parece pender mais para o lado dos judeus do Leste (*ostjuden*).

Seja como for, nesse artigo de janeiro de 1938, em que se dedica a historiar e contextualizar a ideia de Sionismo, ele deixa explícita sua posição em favor da construção de uma Nação judaica. Sem alimentar mais esperanças no sonho da assimilação, esse

¹⁸ “Aber für die Juden interveniert niemand. Sie haben keinen Staat. Darum brauchen auch die Juden einen Staat, wie ihn alle anderen Völker haben, einen Judenstaat. Und dann wird die Judenfrage gelöst sein”.

judeu convertido ao catolicismo parece submergir numa profunda crise em relação à identidade judaica. Crise, aliás, muito semelhante à vivida por outras personalidades vienenses, como Stefan Zweig, Sigmund Freud. Theodor Herzl e Karl Kraus.

Não pode ser esquecido também que o ceticismo em relação ao processo de assimilação ligava-se, em boa medida, ao forte e tradicional antijudaísmo católico. Este sentimento, generalizado em vários níveis hierárquicos da Igreja Católica, não tinha raízes nas teorias raciais; tratava-se, antes, de um antissemitismo espiritual e ético, como pudemos ver no comentário de Carpeaux à conferência do padre Georg Bichlmair. De acordo com Einhart Lorenz, “os líderes eclesiásticos não promoviam os *pogroms*, mas quase todos queriam que se controlasse a desmedida influência judaica na Áustria”. (Lorenz, 2010, p. 405).

Poucos meses antes de ter sua vida pública de intelectual vienense completamente destruída, Otto Karpfen manifesta lucidez em relação às suas próprias origens. Escreve ele em 1938:

Mas para a comunidade judaica a perseguição e a assimilação são igualmente uma ameaça, podendo a Palestina ser uma solução a isso. Esta poderá constituir-se não em uma pátria política, mas uma pátria cultural. Isso não elimina o mal dos judeus, mas o mal do judaísmo. (Karpfen, 1938, p. 217-218).¹⁹

Como se vê, a solução, ou a salvação, para a comunidade judaica estava na construção de uma Pátria (Heimat) e, ainda que não resolvesse a situação dos judeus, que enfrentavam perseguição em vários países naquele momento da história, podia significar uma saída para o judaísmo. A identidade judaica sobrepõe-se, assim, à própria convicção religiosa, expressa por esse judeu que talvez fosse visto apenas como um *Taufejude*, como eram chamados pejorativamente os judeus convertidos ao Catolicismo. Dolorosa constatação para aquele que, educado num ambiente propício à assimilação, aprofundou-a por convicção ao converter-se ao catolicismo e cujo epílogo foi a deportação, com a perda de seus direitos políticos, sua cidadania e sua pátria.

Um dos objetivos específicos deste artigo propõe que os artigos de Otto Maria Carpeaux sobre a questão judaica sejam estudados a partir do diálogo possível entre cristãos e judeus no contexto do antissemitismo austríaco da década de 1930 e o papel

¹⁹“Aber für das Judentum, das Verfolgung und Assimilation gleicherweise bedrohten, konnte Palästina eine Rettung werden. Nicht die politische, aber die kulturelle Heimat konnte es bieten; nicht das Leid der Juden (Zorath hajehudim) aufheben, aber das Leid des Judentums (Zorath hajehudath)”.

desempenhado pela revista *Die Erfüllung*, de Viena, nesse processo. Este diálogo é um capítulo especial na luta contra o antissemitismo e a criação, em março de 1935, da revista *Die Erfüllung* e significou uma tentativa de “familiarizar os judeus com o espírito de Jesus e os cristãos com a missão de Israel”. (Pauley, 1992, p. 251). Seu editor, Johannes Osterreicher, era um judeu convertido, e isto pode ter sido visto como um obstáculo entre os católicos tradicionais para a credibilidade do periódico.

Não obstante, esse entre-lugar ocupado por Otto Maria Carpeaux, entre cristãos e judeus, não exclui o seu lugar de fala, que é o de um judeu convertido. Quando ele escreve que a criação do Estado Palestino “não elimina o mal dos judeus, mas o mal do judaísmo” (Karpfen, 1938, p. 217-218), fico a pensar que aqui pode estar a chave para acessar os subterrâneos de sua mente e de sua trajetória.²⁰

Ora, quem fala aqui é um católico que luta contra o antissemitismo (que provoca o “mal do judaísmo”), mas que ao mesmo tempo recrimina os judeus por continuarem sendo judeus do ponto de vista religioso (“o mal do judeu” não foi eliminado).

No artigo *Franz Kafka oder der Durchbruch* (Karpfen, 1935b) há algumas considerações sobre o judaísmo na obra do escritor tcheco, que ele vê a partir do conceito de pecado original (não aceito pelo judaísmo). É deste modo que ele vê Kafka:

Franz Kafka significa um avanço (uma descoberta) na alma judaica. O judaísmo é uma religião antiga cujos documentos são o testemunho do quão antiga ela é. Pois é esta antiga e venerável religião, esta joia, escondida sob as rochas das montanhas, que brilha intensamente na alma do judeu assimilado Franz Kafka. (Karpfen, 1935b, p. 25).²¹

Em trecho seguinte, Carpeaux é ainda mais explícito no modo como ele vê o judaísmo, ou seja, a partir de uma concepção cristã. Escreve:

Era uma vez um rabino que percebeu que a Lei fazia o homem tropeçar e que não era o caminho para a salvação. Mas ele também reconheceu que, nós, humanos, somos os culpados pelo pecado original, que pesa sobre nós desde o nascimento, e que esta nossa herança não pode ser apagada por nenhuma Lei. O nome do rabino era Saulo. O pecado original também era uma realidade para Franz Kafka. (Karpfen, 1935b, p. 25-26).²²

²⁰ “(...) nicht das Leid der Juden aufheben, aber das Leid des Judentums”.

²¹ “Franz Kafka bedeutet einen Durchbruch der jüdischen Seele. Das Judentum, eine uralte Religion, von der die ältesten Urkunden des Menschengeschlechtes zeugen, eine Religion, die alt war, als Hellas in seiner Judenkraft die Psychomachie des Abendlandes eröffnete, eine Religion, die noch da ist, da das Abendland sich heute seinem Abend zuneigt: diese uralte, eisgraue Religion, dieser Edelstein, versteckt unter Bergen tauben Gesteins, beginnt in der Seele des Assimilationsjuden Franz Kakfa hell zu leuchten”.

²² “Es war einmal ein Rabbi, der erkannte, daß das Gesetz stolpern macht und nicht der Weg zum Heil ist. Da erkannte er aber auch schon, daß wir Menschen daran die Schuld tragen, daß eine schwere Sünde von Geburt an auf uns lastet und daß dieses unser Erbe durch keine Gesetzesfrömmigkeit ausgetilgt werden kann. Der Rabbi hieß Saulus. Auch Franz Kafka war die Erbsünde eine Realität”.

Em trecho de artigo do ano seguinte, intitulado *Geisteswissenschaft oder Paranoia*, ele retoma a questão, ao escrever que “o judaísmo não sabe nem quer saber do conceito de pecado original e vê o homem como um agente ativo da criação e cujo arrependimento interior revela-se infrutífero, nem deve ser comprovado por meio de ações”. (Fidelis, 1936, p. 688).²³

Acredito que esta seja a questão principal que afastou Carpeaux do judaísmo. Sua concepção do homem era extremamente pessimista e sua visão da natureza humana deixava-se impregnar por um catolicismo bastante tradicional e conservador. Este era seu limite, delimitado por sua concepção de mundo, que o fazia ver o judaísmo pela ótica do catolicismo.

Identifico aqui a presença daquilo que poderia ser denominado de “sentimento do trágico”, ou seja, a presença de um ceticismo transcendente de raiz poético-religiosa e que compõe um dos traços marcantes de seu método interpretativo. “Em Carpeaux, a culpa trágica tem origem no dogma do pecado original, pelo qual o homem está condenado a responder eternamente”. (Ventura, 2002, p. 197). Deste modo, o mesmo elemento e a mesma visão de mundo estão presentes tanto no jovem Otto Karpfen quanto no método crítico do Carpeaux da maturidade, que consolidou sua trajetória de crítico literário no Brasil a partir da década de 1940.

Considerações finais

O destino trágico de um jornalista político em Viena na década de 1930. Esta talvez seja a síntese da trajetória de Otto Maria Carpeaux nesta cidade, em que ele permaneceu até os 38 anos de idade. Uma das conclusões desta pesquisa é interpretar a trajetória deste jornalista a partir de sua condição de judeu e, depois, de judeu convertido ao catolicismo.

Os artigos de Otto Maria Carpeaux foram estudados a partir de um procedimento metodológico cuja finalidade foi reconstituir alguns elementos da vida sociocultural do período – a Áustria na década de 1930 - e estabelecer relações entre esse contexto histórico e social com os elementos textuais presentes nos artigos selecionados. Nesse sentido, o emprego de categorias descritivas oriundas da história da cultura, como irracionalismo, antissemitismo, esteticismo, individualismo e política de massas funcionaram como mecanismos de explicação do texto (Schorske, 1989).

²³ “ (...) daß das Judentum den Begriff der Erbesünde weder kennt noch kennen will und im Menschen einen aktiven Mitarbeiter an der Schöpfung sieht”.

É nossa mais firme convicção a crença de que a compreensão das condições históricas, sociais, filosóficas e culturais de uma determinada época contribui de modo substancial para o entendimento da obra jornalística europeia de Otto Maria Carpeaux. Num movimento que vai do texto ao ambiente, e vice-versa, o caminho analítico que nos conduziu nessa pesquisa corresponde ao que Auerbach (2023) denomina de confluência entre época, lugar e autor.

Como etapa prévia à articulação entre imprensa e sociedade na década de 1930, procedemos a leitura do *corpus* diretamente do idioma alemão, o que permitiu uma apreensão mais fidedigna do sentido do texto, buscando situá-lo em sua atmosfera própria, procurando o *Stimmung* (Gumbrecht, 2014) característico de cada texto, ou seja, a ambiência que circunda os posicionamentos do autor.

Neste período, Carpeaux ocupou-se de temas como literatura, música, cinema e, fundamentalmente, política. E também escreveu sobre a questão judaica, que para ele era crucial, pois se transformou num ativo crítico do antissemitismo que, nesta década de 1930, tornou-se cada vez mais forte e violento. Era parte desta luta seu empenho em estabelecer pontes entre cultura judaica e cultura cristã.

Havia, na verdade, algumas forças políticas, intelectuais e religiosas empenhadas em estabelecer esse diálogo entre cristãos e judeus, mas isso era minoritário. Isto por que o antissemitismo não era só político ou racial, mas também se manifestou no âmbito acadêmico, como na Universidade de Viena.

Mas o antissemitismo era também cultural, já que a realidade de ser um *taufjude* não apagava sua condição de judeu. O absurdo de sua condição existencial era esta: Carpeaux deixou o judaísmo em 1933, abraçou por convicção o catolicismo, mas até essa condição de judeu convertido não o tornava 100% católico. O jornalista vienense ficou, assim, entre uma coisa e outra, e isto lhe trouxe muitos problemas.

Ora, sua principal atividade foi no semanário *Der Christliche Ständestaat*, uma publicação conhecida por abrigar judeus convertidos ao catolicismo. Muito provavelmente, não fosse por isto, ele talvez não tivesse emprego, não como jornalista. A marca da precariedade foi uma constante em Otto Maria Carpeaux, principalmente numa cultura como a vienense, que sempre foi cercada de títulos e de linhagem. É, em síntese, uma história trágica, que somente a força interior e a fé – sim, ele permaneceu fiel às suas crenças, guardando junto com ele, até o fim da vida, um missal – foram capazes de transformar em superação, como demonstra sua trajetória no Brasil a partir de 1939, que foi sua segunda vida.

No decorrer deste artigo, procuramos compreender o significado político e ideológico das intervenções jornalísticas de Otto Maria Carpeaux na imprensa austríaca, entre os anos de 1934 a 1938. Em especial, procuramos enfatizar seus posicionamentos em relação ao antissemitismo e à questão judaica, que compõem o foco principal da trajetória vienense de Carpeaux.

São esses os elementos que emergem desta análise interpretativa, que levou em conta o texto de Carpeaux em conexão com o ambiente histórico e político da época, ou seja, a Áustria da década de 1930, num movimento analítico circular que partiu do texto para o ambiente e, deste, para o texto novamente. Como escreve Auerbach, ecoando Schlegel, um texto “está sempre inserido no tempo e no espaço, é um pedaço da história”. (Auerbach, 2013, p. 17).

Referências

- AUERBACH, Erich. (2013) **A novela no início do renascimento. Itália e França**. Trad. de Tercio Redondo. São Paulo: Cosac Naify.
- BELLER, Steven. (1987). **Class, culture and the Jews of Vienna, 1900**. In: *Jews, antisemitism and culture in Vienna*. Edited by OXAAL, I.; POLLAK, M.; BOTZ, G. London and New York, Routledge.
- EBNETH, Rudolf. (1976). **Die österreichische Wochenschrift ‘Der Christliche Ständestaat’**. Mainz: Matthias-Grünwald Verlag.
- FIDELIS, Otto Maria. (1935). **Österreichs europäische Sendung. Ein außenpolitischer Überblick**. Viena: Reinhold-Verlag.
- FIDELIS, Otto Maria. (1936). “Geisteswissenschaft oder Paranoia?” In: **Der Christliche Ständestaat**, Viena, 19/Julho/1936, p.686-690.
- FRIEDLÄNDER, Saul. (2012). **A Alemanha nazista e os judeus. Vol. 1: Os anos da perseguição, 1933-1939**. Trad. Fany Konet et al. São Paulo: Perspectiva.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. (2014). **Atmosfera, ambiência, Stimmung. Sobre um potencial oculto da literatura**. Trad. de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC Rio.
- HANAK-LETTNER, Werner. (2015). “Ausschluss. Terror und Pogrome. Nachrichten, Protokolle und Erinnerungen 1918-1938”. In: HANAK-LETTNER, Werner. **Die Universität. Eine Kampfzone**. Picus Verlag; Jüdisches Museum Wien.
- HARKET, Hakon. (2010). “Rússia: os pogroms”. In: ERIKSEN, Trond Berg et al. **História do antissemitismo**. Trad. João Antonio C. de S. Araújo. Lisboa: Edições 70.
- KARPFEN, Otto. (1934) **Wege nach Rom. Abenteuer, Sturz und Sieg des Geistes**. Wien: Reinhold-Verlag.
- KARPFEN, Otto. (1934a). “Die Juden heute”. In: **Berichte zur Kultur und Zeitgeschichte**, Viena, 01/Julho/1934, p.781-784.

- KARPFEN, Otto. (1935). "Franz Kafka oder Der Durchbruch". In: **Die Erfüllung**, Viena, Das Pauluswerk, 1934-1935, p. 22-29.
- KARPFEN, Otto. (1935a). "Traum und Wirklichkeit". In: **Der Christliche Ständestaat**, Viena, 24/Fevereiro/1935, p.181-183.
- KARPFEN, Otto. (1936). "Unordnung in der Judenfrage". In: **Der Christliche Ständestaat**, Viena, 26/Abril/1936, p.399-401.
- KARPFEN, Otto. (1938). "Zur Ideengeschichte des Zionismus". In: **Die Erfüllung**, Viena, Das Pauluswerk, janeiro de 1938 (3º. Jahre/Heft 5), p. 211-225.
- KLAMPER, Elisabeth. (2014). "Kunst dient der Macht. Kulturpolitik des Austrofaschismus 1934 bis 1938 und die Auflösung des Künstlerbundes Hagen". In: **Hagenbund. Ein europäisches Netzwerk der Moderne 1900 bis 1938**. Wien: Hirmer Verlag.
- KUGLER, Martin. (1995). **Die frühe Diagnose des Nationalsozialismus: christlich motivierter Widerstand in der österreichischen Publizistik**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1995.
- LE RIDER, Jacques. (1992). **A modernidade vienense e as crises de identidade**. Trad. Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.
- LORENZ, Einhart. (2010). "Viena: antissemitismo popular e católico". In: ERIKSEN, Trond Berg et al. **História do antissemitismo**. Trad. João Araújo. Lisboa: Edições 70.
- PAULEY, Bruce F. (1992). **From Prejudice to persecution: a history of Austrian anti-semitism**. The University of North Carolina Press.
- PAULEY, Bruce F. (1987). "Political antisemitism in interwar Vienna". In: OXAAL, I.; POLLAK, M.; BOTZ, G. **Jews, antisemitism and culture in Vienna**. New York: Routledge, p. 152-173.
- POLLAK, Michael. (1987). "Cultural innovation and social identity in fin-de-siècle Vienna". In: OXAAL, I.; POLLAK, M.; BOTZ, G. **Jews, antisemitism and culture in Vienna**. New York: Routledge, p. 59-74.
- ROTH, Joseph. (2016). **Judeus errantes**. Trad. Simone Pereira Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. Âyiné.
- SCHORSKE, Carl. E. (1988). **Viena fin-de-siècle: política e cultura**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Ed. Companhia das Letras.
- SPERA, Danielle. (2015). "Vom Judenplatz bis zum Universitätsring. Chronik einer schwierigen Beziehung". In: HANAK-LETTNER, Werner. **Die Universität. Eine Kampfzone**. Picus Verlag; Jüdisches Museum Wien.
- TASCHWER, Klaus. (2015). **Hochburg des Antissemitismus. Die Niedergang der Universität Wien im 20. Jahrhundert**. Wien: Czernin Verlag.
- TUDOR, Lucian. (2013). "Othmar Spann: a catholic radical tradicionalista". In: **Counter-currents Publishing**. Postado em 24/março/2013. Acesso em 01/03/2017. <http://www.counter-currents.com/2013/03/othmar-spann-s-catholic-radical-tradicionalist/>
- VENTURA, Mauro Souza. (2002). **De Karpfen a Carpeaux: formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks.

VENTURA, Mauro Souza. (2017). "Otto Maria Carpeaux: trajetória e obra de um herdeiro intelectual da Casa da Áustria". In: PRUTSCH, U.; BERTONHA, J.F.; SZENTE-VARGA (Coords.). **Aventureiros, utopistas, emigrantes del Império Habsburgo a las Américas**. Madrid: Iberoamericana; Vervuert: Frankfurt Am Main.

WASSERMAN, Janek. (2014). **Black Vienna: The Radikal Right in the Red City, 1918-1938**. New York: Cornell University Press.

OXAAL, I.; POLLAK, M.; BOTZ, (1987) G. **Jews, antisemitism and culture in Vienna**. New York: Routledge.

ZWEIG, Stefan. (1953). **O mundo de ontem. Memórias de um europeu**. Trad. Manuel Rodrigues. Rio de Janeiro, Liv. Civilização.

ZWEIG, Stefan. (2013). "A Viena de ontem". In: **O mundo insone e outros ensaios**. Trad. Cristina Michaelles. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

DADOS DE PUBLICAÇÃO

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M. S. Ventura

Coleta de dados: M. S. Ventura

Análise de dados: M. S. Ventura

Discussão dos resultados: M. S. Ventura

Revisão e aprovação: M. S. Ventura

ORIGEM DA PESQUISA

A submissão faz parte do projeto de pesquisa intitulado “A questão judaica em Otto Maria Carpeaux: análise dos artigos para *Die Erfüllung, Berichte zur Kultur und Zeitgeschichte* e *Der Christliche Ständestaat*. Projeto financiado pela Fapesp (Processo 2020/13540-7) e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Projeto de pesquisa financiado pela Fapesp (Processo 2020/13540-7), linha de fomento: Auxílio à Pesquisa – Regular.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver interesses conflitantes.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

Os dados completos foram publicados no próprio artigo. Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está incluído no corpo do artigo.

LICENÇA DE USO

As autorias cedem à revista Estudos em Jornalismo e Mídia os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença [Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em *site* pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Daiane Bertasso Ribeiro
Flávia Garcia Guidotti
Rogério Christofolletti

HISTÓRICO

Recebido em: 19-12-2023
Aprovado em: 18-09-2025
Publicado em: 22-06-2026